

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

A REDUÇÃO DA INCLUSÃO ESCOLAR À ACESSIBILIDADE: PROBLEMATIZAÇÕES

NASCIMENTO, Elisângela Maria lima (autor/es)
LOCKMANN, Kamila (orientador)
dandinhalima@yahoo.com.br

Evento: Congresso de Iniciação Científica

Área do conhecimento: Educação. Tópicos Específicos de educação

Palavras-chave: Educação inclusiva, acessibilidade, diversidade.

INTRODUÇÃO

Este resumo é um recorte de uma pesquisa mais ampla intitulada “A Educação Inclusiva e a Constituição da Docência na Contemporaneidade”. Neste momento vamos nos deter a segunda e a terceira etapa da pesquisa que consiste em elaborar e analisar questionários aplicados com graduandos dos Cursos de Pedagogia e de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande -FURG; e com professores que atuam na rede municipal de ensino desta cidade. Dentre as questões que foram analisadas, para este trabalho nos detivemos apenas nas questões que remetiam ao espaço escolar. Na lógica da modernidade a inclusão numa instituição de ensino regular se restringe em “estar junto” num mesmo espaço físico. O objetivo desta pesquisa é problematizar os discursos que circulam acerca da inclusão escolar, os quais vêm produzindo uma narrativa reduz os complexos processos de inclusão à acessibilidade dos sujeitos aos espaços físicos como a escola.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica desta pesquisa baseia-se nas contribuições de alguns autores que vêm discutindo acerca da temática da inclusão, quais sejam: Fabris e Lopes (2005), Veiga-Neto (2001), Machado (2011) entre outros. Esses autores vêm problematizando os discursos simplistas que compreendem a inclusão como estar junto num mesmo espaço físico. Para Lopes e Fabris (2005, p. 2) “a inclusão tem se resumido, na maioria das situações, em uma aproximação física entre aqueles que nomeamos como sendo diferentes e aqueles que se encontram dentro dos padrões convencionados como normais” Para elas, esse é um dos processos que produz a in/exclusão, ou seja, a ideia de que estar junto num mesmo espaço não garante que a inclusão acontece e muitas vezes pode estar produzindo práticas perversas de exclusão.

MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

A pesquisa está organizada em três etapas metodológicas e pretende analisar num primeiro momento edições da Revista Nova Escola que abordam este tema, assim como propagandas produzidas pelo Ministério da Educação (MEC), que circulam na mídia televisiva. A segunda etapa da pesquisa consiste em aplicar questionários com graduandos dos Cursos de Pedagogia e Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande – FURG; e a terceira etapa refere-se a aplicação de questionários com professores que atuam na rede municipal de ensino. Para este trabalho apresentamos um recorte da pesquisa o qual destaca os

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

discursos coletados na terceira etapa da investigação que aborda o espaço escolar como um lugar de socialização, desconsiderando muitas vezes o fazer pedagógico.

RESULTADOS e DISCUSSÃO

A partir da análise dos questionários podemos perceber que os discursos analisados nesse trabalho colocam a escola como um espaço voltado para a socialização daquele que está incluído. É importante considerar também o papel do professor neste processo, pois é difícil romper com hábitos e métodos que por anos foram considerados verdadeiros e corretos, pois a escola foi estruturada para trabalhar com a homogeneidade e não com a diversidade.

“A escola tem o dever de dar suporte ao aluno incluído e ao professor mediador deste aluno. O suporte deve ser físico através de um ambiente qualificado e bem estruturado. E com relação ao professor deve-se dar orientação e diretrizes para melhor atender o aluno incluído” (QUESTIONÁRIO, PF19)

“Proporcionar momentos de integração entre as crianças incluídas com as demais crianças, e pensar numa proposta que todos possam trabalhar juntos”. (QUESTIONÁRIO, PF10)

Com isso, podemos perceber nos excertos analisados que a escola ainda vê o seu espaço como um lugar que apenas proporciona ao aluno incluído a possibilidade dele estar junto com outras crianças, interagindo e convivendo com os demais. Esta maneira de incluir é tão perversa quanto a própria exclusão. Há também a preocupação com a parte estrutural da escola, no que tange a acessibilidade daquele considerado “diferente ou com alguma necessidade”. As perguntas que fazemos são: Como estão sendo elaboradas atividades pedagógicas em turmas regulares que recebem tais crianças? Como os sujeitos incluídos na escola vêm construindo suas aprendizagens? Essas questões parecem ficar secundarizadas diante da importância que é atribuída a acessibilidade e a socialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa não pretende adotar uma postura contrária à inclusão, mas pensar no que é colocado como verdades e levantar questões sobre o que de fato está sendo feito para que a inclusão aconteça. Também pretende problematizar esse processo de redução da inclusão à acessibilidade mostrando que muitas vezes o estar na escola, frequentando o mesmo espaço físico, vem se constituindo num perverso processo de inclusão que exclui.

REFERÊNCIAS

FABRIS, Eli; LOPES, Maura. **Quando o estar junto transforma-se numa estratégia perversa de inclusão**. UNISINOS, São Leopoldo. Disponível <http://www.rizoma.ufsc.br/html/911-of3-st3.htm>. Acesso em 08 de Jul.2014.
MACHADO, Fernanda Camargo. **Políticas de Inclusão: gerenciando os riscos e governando as diferenças**. Santa Cruz do Sul- RS. EDUNISC, 2011.
VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo horizonte: Autêntica, 2001.

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.